

Resumo

Esta comunicação visa apresentar resultados preliminares e caminhos de uma pesquisa que se dedica ao que é conhecido por activismos têxteis contemporâneos no Brasil. As práticas dos coletivos têxteis podem ser sintetizadas no uso do tecido como forma de denúncia ou expressão política onde, geralmente, mulheres são as protagonistas; são elas quem fazem uma reapropriação estratégica do têxtil e do bordado, subvertendo concepções e estereótipos associados ao feminino. Se tais activismos se fazem presentes na América Latina desde pelo menos as *arpilleras* chilenas – técnica de bordado realizada por mulheres que lutaram contra a ditadura de Augusto Pinochet no país, a partir de 1973 –, no Brasil, a atuação dos coletivos têxteis é bem mais recente e se dá de modo particular. Difundidos sobretudo nos anos 2000, no país tem destaque um conjunto de coletivos de mulheres que se identificam como “Linhas” – do Horizonte, de Sampa, do Rio etc. - coletivos que se dedicam à produção de *panfletos* bordados, produzidos com a intenção de serem distribuídos em espaços públicos (às vezes também produzidos no espaço público), com temáticas diversas associadas, em geral, às pautas de movimentos políticos de esquerda brasileiros.

Interessada em conhecer os coletivos e a compreender como atuam, a pesquisa se organiza em dois tempos. Em um primeiro, trata-se de realizar uma cartografia dos coletivos, de modo a pensar quem são, onde se localizam e o que fazem. Em um segundo, o objetivo é colocar o foco da atenção em questões levantadas por uma etnografia iniciada com o Linhas de Sampa, por exemplo, as relações entre política e cuidado, e expressão artística e ativismo político.

Palavras-chave: activismos têxteis; bordados; criação e política

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 23 e 26 de julho de 2024. Este trabalho foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), como parte do Projeto Temático Métis - Artes e Semânticas da Criação e da Memória, processo (nº 2020/07886-8).

Introdução

Entre 2023 e 2024, desenvolvi uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Ativismos têxteis contemporâneos: coletivos em ação”, que tinha por objetivo conhecer ações que utilizavam o tecido como instrumento ativista. Durante o percurso da pesquisa, inicialmente com uma proposta etnográfica, uma oportunidade veio à luz: fazer uma cartografia desses activismos, com destaque para o Brasil, mas também compreendendo ações na América Latina e, posteriormente, América do Norte e Europa. Desse modo, apresento alguns achados desse processo de construção da cartografia, aliado às incursões etnográficas que pude realizar.

Primeiro, acho fundamental definir o que entendo aqui por “ativismo têxtil”, noção que guia todo o trabalho. Esse conceito, de modo objetivo, se refere ao uso do tecido como instrumento de manifestação política, ao visibilizar denúncias e demandas sociais, com a finalidade de produzir transformações significativas no *status quo* (Rosentreter Villarroel, 2024, p.3). Predominantemente realizado por mulheres, esse tipo de manifestação vem sendo mobilizado lado a lado às produções de *ethos* feministas (Pentney, 2008), ao passo que objetiva dar visibilidade às vozes femininas, que se reapropriam do tecido de modo a subverter a prática da criação têxtil, ao dar a ela novos significados que vão além de seus sentidos ornamentais. (Parker, 1984; do Nascimento Cintra e Mesquita, 2020). A partir desse ato de reapropriar-se e deslocar significados anteriormente atribuídos ao campo de ação feminino e a feitura do têxtil, mulheres se tornam as forças motoras de lutas em busca de justiça político-social, preservação de memória e construção de comunidades e redes de apoio.

Com um caráter notadamente coletivo, os activismos têxteis se manifestam de modos muito variados, ao tornarem possível uma multiplicidade de manifestações através do ato de criação com o tecido, agulha e linha. Utilizando diferentes técnicas, como bordado livre e tricô, diversos grupos de mulheres ao redor do mundo se manifestam de modo que melhor lhes serve: utilizando o bordado para a feitura de bandeiras, feitas por várias mãos; colchas de retalhos que contam vivências (González-Arango *et al*, 2022a); criando peças menores, com a intenção de que sejam destruídas em espaço público etc.

Um exemplo notável desse tipo de manifestação são as *arpilleras* chilenas, que aparecem como produção explicitamente política durante a ditadura de Augusto Pinochet no país (1973-1990). Essas peças, que levam o nome do seu material base – a juta ou *arpillera*,

em espanhol, usada como saco de batata e de café – possuem com cores vibrantes e figuras pictóricas e chegam a surpreender pela dureza dos testemunhos que fazem circular.

Através da confecção de uma peça aparentemente ingênua – também pensada de modo a barrar a censura de Pinochet –, as mulheres transformam as *arpilleras* em veículos que transmitem uma mensagem (Agosin, 1985, p.4). Criados para que circulassem, dentro e fora do país, como foi feito, as mulheres confeccionaram, assim, um testemunho vivo contra uma ditadura. Esse testemunho se constitui como tal ao dar corpo e voz às mulheres que fazem essas peças, mesmo que de forma coletiva, “tecendo permanentemente o presente, o passado e as esferas pública e privada” de suas vidas (González-Arango *et al*, 2022b, p.9).

Ao materializar suas vivências, as mulheres chilenas que produziram suas *arpilleras* em conjunto assinalam na América Latina um novo tipo de agência política, que ultrapassa a esfera da vida privada e contribui para a criação de um modo de existência coletivo entre mulheres (Freire, 2021, p.83), expresso a partir do encontro experiências cotidianas compartilhadas e a vontade de manifestá-las.

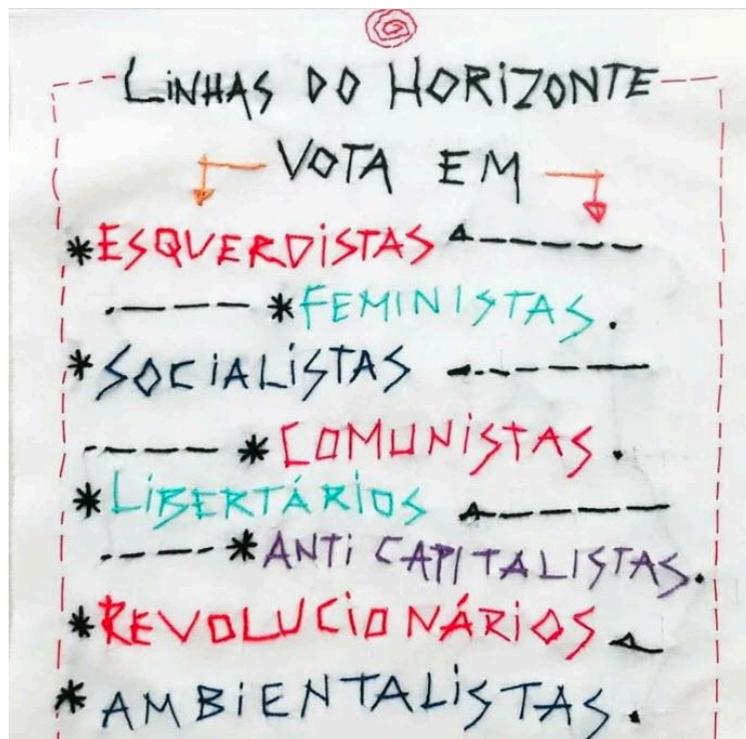
Imagem 1: Arpillera chilena “Não podemos nem opinar.”



Anônima. Chile, fins da década de 1970. Acervo Roberta Bacic.
Fonte: Catálogo da exposição “Arpilleras da resistência política chilena”.

No Brasil, movimentos inspirados pelos fazeres das *arpilleras* ganharam destaque nos últimos anos, principalmente a partir de 2010. Os casos mais expressivos são os coletivos intitulados “Linhas”, espalhados pelo Brasil, constituídos em sua maioria por mulheres, acima dos 40 anos de idade. Esses coletivos surgiram a partir de 2016, com a criação do chamado Linhas do Horizonte, fundado em Belo Horizonte, Minas Gerais, em um ato de solidariedade para Marisa Letícia, então esposa de Luis Inácio Lula da Silva. (Brasil de Fato, 2018). Com caráter suprapartidário, de esquerda e com o objetivo de lutar pela democracia através do bordado, o coletivo mineiro inspira, nos anos seguintes, a formação de diversos outros espalhados pelas capitais do Brasil, e assim nasce o *Novelo das Linhas*, o grande coletivo das Linhas. Diante de um contexto político que contava com a ascensão de uma extrema-direita política no país, esses coletivos se colocaram – e se colocam, até hoje – como agentes direto na luta pela permanência da democracia e direitos humanos básicos, ocupando ruas e praças públicas e fazendo uso de redes sociais como *Facebook* e *Instagram*.

Imagem 2: Bordado de Leda Leonel, do coletivo Linhas do Horizonte



Fonte: Instagram, publicado em 08 de julho de 2024²

² <https://www.instagram.com/linhasdohorizonte/>.

Assim como as Linhas, outros coletivos e ações têxteis no Brasil também se manifestam a favor de causas sociais e políticas, orientando suas práticas de modos muito diversos, ao ocuparem diferentes lugares, visando distintos públicos e utilizando técnicas variadas. Esses múltiplos modos de fazer ativismo têxtil foram organizados em uma cartografia, que busca localizar iniciativas que utilizam do tecido, linha e agulha como forma de expressão política e social, e posteriormente qualificá-las.

Cartografia

A cartografia que apresento foi realizada com a ferramenta do Google *MyMaps*, e, sem esgotar a busca, conta até o momento com 93 coletivos e ações. Essas iniciativas foram localizadas a partir de uma busca que se centrou em ações que correspondam às conceituações de ativismo têxtil aqui apresentadas. Os requisitos para a seleção das ações, portanto, foi que elas trabalhassem obrigatoriamente com o têxtil, – seja utilizando o bordado (maioria encontrada), tricô, renda e outras técnicas – e que perpassam por questões políticas e sociais, seja de modo explícito, como é o caso dos Linhas, ou de forma implícita, incorporando nas práticas propostas esse tipo de discussão. Muitas das ações e coletivos foram encontrados a partir de publicações e pesquisas etnográficas preexistentes, realizadas com os mesmos, além de exposições sobre têxteis. Outro modo de encontrá-los foi buscando coletivos novos a partir dos já conhecidos.

Por isso, dentre todas as ações encontradas no Brasil, Colômbia, Chile, Argentina, Equador, Peru, México e Espanha, diversos são os modos de trabalhar as relações entre o têxtil e a política. Temos, por exemplo, coletivos e ações que visam: a produção de comunidade; uso terapêutico dos bordados; promoção e recuperação do ofício têxtil; preservação de memória, seja ela de cunho social e político ou até mesmo cultural e histórico; bordados expressamente políticos etc.

Inúmeras são as possibilidades promovidas pelos ativismos têxteis e, sem ser possível citar todas as iniciativas catalogadas na cartografia, opto por comentar sobre algumas delas, com suas particularidades, que podem ampliar as perspectivas sobre os ativismos têxteis contemporâneos, principalmente no Brasil, a partir das localidades com maiores incidências no mapa³.

³ Recomendo que a cartografia, disponível online, seja acessada diretamente para que a visualização seja mais clara ao leitor, através do seguinte link: <<https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1ugCjNc1jNKNqBuV43D7BLnPkwaOTa54&ll>>. De todo modo, destaco aqui algumas partes dela, dividida por países.

Imagem 3: Cartografia dos ativismos têxteis contemporâneos



Cartografia que mostra coletivos e ações de ativismo têxtil no Brasil, América Latina, México e Espanha.
Fonte: Google MyMaps.

Chile

Imagem 4: Detalhe da cartografia no Chile

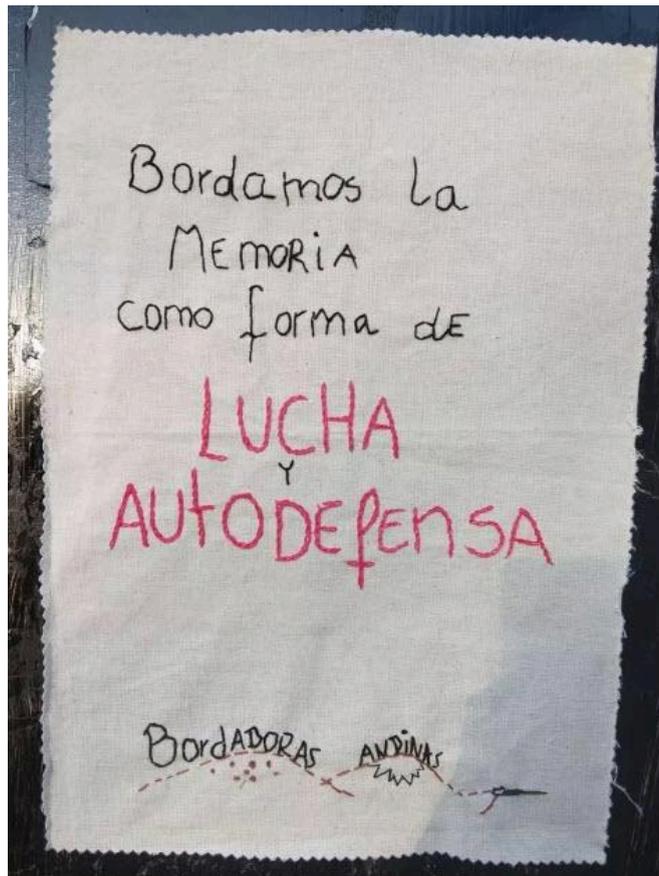


Ativismos têxteis localizados no Chile

Fonte: Google MyMaps.

Como uma região bem expressiva na presença dos ativismos têxteis, desde as já comentadas *arpilleras*, até o momento foram localizadas 11 iniciativas no Chile. Como exemplo dos coletivos encontrados, comento do coletivo “Bordadoras Andinas”, localizado no Valle del Akunkawa, que existe desde 2020. As Bordadoras têm um trabalho de memória para vítimas de feminicídio da região, configurando suas peças como testemunhos memoriais. Isso porque, de modo semelhante às *arpilleras*, materializaram as experiências cotidianas e rememoram, através do tecido, as mulheres perdidas pela violência. Em um gesto de solidariedade, as Bordadoras lutam pelas mulheres de sua comunidade, transformando o ato de preservação de memória em próprio ato de luta política.

Imagem 5: Bordado “Bordamos la memoria como forma de lucha y autodefesa”



Bordado feito pelas Bordadoras Andinas
Fonte: Instagram, publicado em 9 de março de 2023⁴

A memória aparece também como instrumento de luta através da criação têxtil em outras ações, como é o caso do coletivo “Para Remendar el Dolor”, que realiza bordados ornamentados, também desde 2020, com desenhos e cores para homenagear vítimas da Covid-19, além de receber também colaborações bordadas de outros coletivos ao redor do mundo.

⁴ <https://www.instagram.com/bordadorasandinas/>.

Imagem 6: Bordado em homenagem a Pedro, vítima da Covid-19



Homenagem a Don Pedro Fuenzalida, docente da Universidad de Los Lagos.

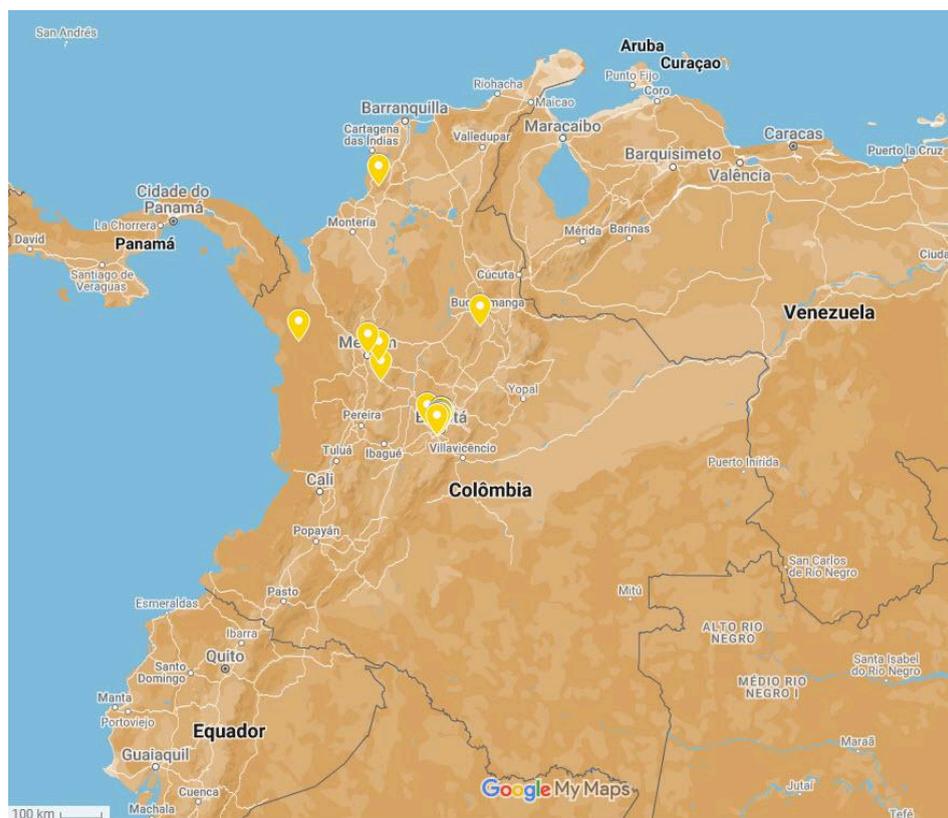
Fonte: Instagram, publicado em 3 de novembro de 2022.⁵

A memória é fundamental nos ativismos têxteis quando pensada ao lado da lógica de testemunho dos tecidos. Na América Latina, em especial, muitos são os projetos que têm o intuito de construir e preservar a memória de entes queridos perdidos, abrindo espaço também para a realização das homenagens, como é o caso do “Para Remendar el Dolor”. Ao materializar a memória para que não seja esquecida (Climent-Espino, 2022), esses coletivos criam, aliados a criação artístico-artesanal têxtil, um modo de ação política, atestando suas próprias vivências (seja em sentido individual ou coletivo/comunitário) como posicionamentos políticos (González-Arango *et al*, 2022b, p.10). Ela é, assim, força motora de uma luta política e elemento intrínseco a esse processo de criação.

⁵ <https://www.instagram.com/pararemendareldolor/>.

Colômbia

Imagem 7: Detalhe da cartografia na Colômbia



Ativismos têxteis localizados na Colômbia.

Fonte: Google MyMaps.

Na Colômbia, com 18 iniciativas presentes na cartografia, várias ações são voltadas para essa ideia do têxtil com testemunho ou *testimonio* (Climent-Espino, 2022), principalmente por lidarem com a criação de peças têxteis em situações de conflitos armados e conseqüentemente que retratam cotidianos de perdas e instabilidade. A produção acadêmica na região vem sendo cada vez mais difundida e praticada, com destaque para trabalhos de Tania Pérez-Bustos e Isabel Cristina González-Arango. Em um de seus trabalhos, Pérez-Bustos juntamente com Eliana Sánchez-Aldana e Alexandra Chocontá-Piraquive (2019), tenta expandir e aprimorar classificações possíveis que definem os ativismos têxteis e suas ações. Nesse artigo, as autoras citam o grupo Círculo de Tejido, localizado em Usaquén, Bogotá, adicionado a cartografia. Segundo as autoras, esse grupo tem sua ação no plano de criação de uma comunidade com laços solidários (2019, p.12).

Nesse caso, o tecido é utilizado para reunir pessoas, em sua maioria mulheres,— que provavelmente, de outro modo não estariam reunidas — e criar uma comunidade baseada na produção têxtil solidária, que dá mais atenção ao processo de troca de saberes do que uma

lógica de produção mercantil. A ideia principal é criar peças que atestam afeto e cuidado, dando novos significados para os sentidos comumente atribuídos aos têxteis associados à produção feminina (2019, p.12). Em uma iniciativa como essa, a manifestação política se concretiza no próprio ato de criar laços comunitários entre mulheres, remetendo também a lógica de ação da produção das *arpilleras* que, além de constituírem a criação das peças, constituem também, ao criarem um novo modo de existência coletivo entre mulheres, a criação de laços – sejam eles de parentesco, de cuidado e apoio ou de solidariedade.

Os ativismos têxteis, desse modo, mostram que a criação vai muito além apenas das criações têxteis, ao possibilitarem novas formas de organizações e manifestações político-sociais.

Brasil

Imagem 8: Detalhe da cartografia no Brasil



Ativismos têxteis localizados no Brasil.

Fonte: Google MyMaps.

O Brasil conta com 52 coletivos e ações diferentes reunidos nessa cartografia. Entre eles, destaco dois tipos: os de bordados expressamente políticos e os com caráter terapêutico. Ao falar dos que promovem efeitos terapêuticos, destaco o Maria Maria, promovido na ACTC - Casa do Coração, em São Paulo, SP. A iniciativa reúne, desde 2003, mães que aguardam seus filhos em tratamentos de condições cardíacas na Casa do Coração, enquanto bordam. Em um “processo de ajuda mútua” (ENTREMEADAS, 2022), as mães se dedicam aos bordados esperando a cura de seus filhos, utilizando os fazeres manuais como forma de também construir uma rede de apoio ao se conectarem com outras que passam por experiências semelhantes às suas. Aqui, assim como em outras iniciativas comentadas, aparece o caráter individual mesclado ao caráter coletivo imbricado nos fazeres têxteis. Isso reforça o que pontua Sánchez-Aldana *et al* (2019), que indica que é essencial reconhecer que:

[...] prática têxtil configura o coletivo, mesmo quando é realizada individualmente (Pajaczkowska, 2016; Pérez-Bustos e Chocontá Piraquive, 2018). Isto não se deve apenas ao fato de as práticas têxteis se constituírem com diversas genealogias - geralmente femininas -, no sentido em que as evocam e estão com elas, mas também porque a sua produção material implica o comum, aquilo que reúne. (p.20), tradução minha.

Essa reunião, a partir do têxtil, pode ser também motivada por outras questões, constituindo a criação de novos laços a partir de ideologias políticas, por exemplo. Os Linhas, coletivos já mencionados, são protagonistas desse tipo de ação no Brasil. Na cartografia, estão presentes: Linhas do Horizonte (Belo Horizonte, MG), da Resistência (Brasília, DF), de Sampa (São Paulo, SP), de Oz (Osasco, SP), da Ilha (Ilhabela, SP), do Itapety (Mogi das Cruzes, SP), do Mar (Caraguatatuba, SP), de Santos (Santos, SP), do Rio (Rio de Janeiro, RJ), da Gamboa (Rio de Janeiro, RJ), do Sul (Porto Alegre, RS), de POA (Porto Alegre, RS) e de Sergipe (Aracaju, SE). Nem todos eles fazem parte do *Novelo das Linhas*, por questões de discordâncias internas. Mas, de todo modo, ainda possuem semelhanças no que condiz a maior parte de suas práticas políticas através do uso do bordado.

Percursos das Linhas

Acerca de suas práticas, como já mencionado brevemente, as Linhas utilizam de forma ativa suas redes sociais, a fim de estabelecer contato com os mais diversos públicos e propagar suas ações nas ruas, praças, museus e outros espaços de suas cidades. Tendo como foco de ação o contato com as pessoas que transitam pelos espaços públicos, o objetivo desses coletivos é extravasar o espaço do privado, realizando oficinas e rodas de bordado nas

ruas. Nessas ocasiões, são produzidos e distribuídos *panfletos bordados* ou o *viés ideológico*, tipos de criações características desses coletivos. Os *panfletos* “são pequenos quadrados de tecido, bordados com mensagens de luta” (Projeto Colabora, 2023), às vezes com desenhos e imagens, citações de músicas ou referências à cartunistas. Os *vieses* são pequenas tiras de viés de algodão bordadas com frases mais curtas. As possibilidades são inúmeras, dependendo da disposição e vontade de cada bordadeira. O resultado é atribuído ao coletivo, e cada peça carrega a assinatura do mesmo.

As criações, mesmo que passem pelas mãos de uma única pessoa – isso pode acontecer, mas geralmente os processos mesmos que envolvem a criação de um único bordado passam por mais de uma pessoa, como é o caso do Linhas de Sampa (Uol, 2020) –, são sempre coletivas e representam a totalidade daquelas mulheres. A intenção delas é distribuir essas peças, com a condição de que as pessoas façam uso dos bordados, pendurando-os em suas roupas ou mochilas.

Assim, esses coletivos buscam criar relações com o público geral, conscientizando ora para causas globais (como a luta em defesa da liberdade Palestina), ora para causas bem localizadas (como a privatização da SABESP, no caso de São Paulo). Ao usarem o bordado como instrumento primordial de comunicação, as bordadeiras possibilitam que o bordado seja o mediador da relação entre elas e público, já que ele, enquanto uma criação artístico-artesanal, carregada de significados simbólicos, produz “uma ativação visual e sensorial particular”, gerando novas formas de se conectar com as peças e com o que é dito nelas (González-Arango *et al*, 2022a, p.142). Isso é, inclusive, sabido e assumido pelas integrantes dos coletivos, que têm plena consciência do poder dos bordados como mediador dessas relações, enquanto criações que as fazem se arriscar na vida pública (Peixoto, 2020).

Quando questionadas sobre o porquê do uso dos bordados como expressão política, Neli, uma das integrantes do Linhas de Sampa, respondeu que eles são utilizados como forma desarmar quem os recebe, impedindo que as bordadeiras sejam agredidas por possíveis divergências políticas, já que os bordados são bonitos; passam a ideia de que foram feitos com cuidado, que demandou tempo para sua feitura. Nesse momento, fica claro como elas reconhecem e subvertem os significados comumente atribuídos aos bordados, demonstrando uma forma de instrumentalizar a própria noção de feminilidade conferida a esse fazer a favor de suas lutas políticas.

Fazer política, nesse caso, é também apreender os próprios significados da materialidade utilizada no processo. As escolhas dos ativismos têxteis – técnicas, tipos de

tecidos, estética – são sempre conscientes e possuem significados específicos para cada grupo que os escolhe. Isso se associa também diretamente ao já citado caminho tecido lado a lado a construção de *ethos* feministas. As dimensões entre têxtil e feminino, sempre agrupadas na história da arte e na história hegemônica (Parker, 1984) permanecem juntas, mas com novos significados atribuídos a essa união, como exprime a fala de Neli.

Considerações finais

À guisa de conclusão, penso como uma cartografia, ainda em processo de construção, pode ser associada às experiências etnográficas que possibilitaram a aproximação sobretudo com o Linhas de Sampa. Entre lacunas e preenchimentos, a cartografia nos mostra como a presença de ações categorizadas como ativismos têxteis se mostram presentes no Brasil e na América Latina, principalmente. Através dela, é possível visualizar onde elas se localizam – como são, por exemplo, muito presentes na região sudeste brasileira, ao passo que nem tanto na região norte – e, a partir disso, traçar caminhos de contato entre as ações.

Ao olhar para a cartografia, me inspiro em Ingold, quando fala sobre *linhas fantasmas*, para pensar suas possibilidades e desdobramentos: “Olhando para o céu noturno, nós imaginamos as estrelas como invisivelmente conectadas por linhas fantasmas formando constelações. Só fazendo isso é que podemos contar histórias sobre elas (Berger, 1982, p.284).” (2022, p.74). Substituo o céu noturno pela própria cartografia, por onde podemos procurar as linhas invisíveis, se é que elas existem, que conectam esses coletivos e ações e assim contar suas histórias. Suas conexões, que podem ser inúmeras e inesgotavelmente exploradas, se delineiam em parte nessa apresentação. Como pontos essenciais dos ativismos têxteis, que conectam todas as ações e coletivos supracitados, temos a constante presença da preservação de memória e da criação de laços. Em todos os casos comentados no Chile, Colômbia e Brasil vemos, com destaque, a formação de relações que partem do tecido e seus usos, mas que terminam por ultrapassá-los. Linhas que se delineiam e que conectam pessoas, unidas por materiais e experiências e concepções similares.

Assim, penso que as possibilidades da cartografia não se esgotam em si mesma, dado que esse é, além de um arquivo que também serve para constituir um acervo dos ativismos têxteis contemporâneos, uma ferramenta metodológica para pensar esses ativismos e suas propriedades e capacidades de criar, para além do têxtil.

Referências bibliográficas

AGOSIN, Marjorie. “Agujas que hablan: las arpilleristas chilenas”, **Revista Iberoamericana**, 51, 132-3, p. 523-529, 1985.

BATISTA, Glauca. “Linhas do Horizonte”, coletivo de bordados políticos, completa um ano. **Brasil de Fato**, 2018. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/01/15/linhas-do-horizonte-coletivo-de-bordados-politicos-completa-um-ano>>. Acesso em 05 de jul. 2024.

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO “ENTREMEADAS”, **Sesc São Paulo**, 2022. Disponível em: <https://issuu.com/sescsp/docs/_entremeadas_af_catalogo_guarulhos_2604>. Acesso em 05 de jul. 2024

CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO “Arpilleras: da resistência política chilena”, **Pinacoteca de São Paulo**, 2011. Disponível em: <<https://arpillerasdaresistencia.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/01/catalogo-eletronico-arpilleras1.pdf>>. Acesso em 05 de jul. 2024

CLIMENT-ESPINO, Rafael. Giro gráfico y activismo textil: el bordado como testimonio político en dos asociaciones craftivistas brasileñas. **Revista CS**, 38, p. 16-47, 2022. <https://doi.org/10.18046/recs.i38.5050>

COELHO, Ligia. Bordadeiras da resistência. **Projeto Colabora**, 2023. Disponível em: <<https://projecolabora.com.br/ods16/bordadeiras-da-resistencia/>>. Acesso em 06 de jul. 2024.

DO NASCIMENTO CINTRA, Fernanda; MESQUITA, Cristiane. Design and resistance: embroidery on the frames of Linhas de Sampa Collective. **DAT Journal**, [S. l.], 5, 2, p. 355–374, 2020. DOI: 10.29147/dat.v5i2.212. Disponível em: <<https://datjournal.anhembibr/dat/article/view/212>>. Acesso em: 9 jul. 2024.

GONZÁLEZ-ARANGO, Isabel Cristina; CUÉLLAR-BARONA, Margarita; PÉREZ-BUSTOS, Tania; RIVERA, Mariana X., & SIMAN, Yael. . Práticas textimoniales: narrativas, resistencias y formas del hacer textil. **Revista CS**, 38, p. 9-15, 2022b. <https://doi.org/10.18046/recs.i38.5806>

GONZÁLEZ-ARANGO, Isabel Cristina; VILLAMIZAR-GELVES, Adriana Marcela; CHOCONTÁ-PIRAQUIVE, Alexandra, & QUICENO-TORO, Natalia. Pedagogías textiles sobre el conflicto armado en Colombia: activismos, trayectorias y transmisión de saberes desde la experiencia de cuatro colectivos de mujeres en Quibdó, Bojayá, Sonsón y María La Baja. **Revista De Estudios Sociales**, 1, 79, p. 126-144, 2022a. <https://doi.org/10.7440/res79.2022.08>. Disponível em: <<https://revistas.uniandes.edu.co/index.php/res/article/view/6189>>. Acesso em 14 de jun. 2024. .

FREIRE, Ralyanara Moreira. Cerzindo o tecido social: ressignificações do Bordado Arpillera e a vida de atingidas por Belo Monstro. 2021. Tese de Doutorado - Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas Campinas, SP.

INGOLD, Tim. **Linhas: Uma breve história**. Editora Vozes, São Paulo, 2022.

NOGUEIRA, Lígia. Coletivo de mulheres usa o bordado como panfleto por direitos humanos. **Uol**, 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/28/coletivo-de-mulheres-usa-o-bordado-como-panfleto-por-direitos-humanos.htm>>. Acesso em 04 de jul. 2024.

PARKER, Rosizska. **The Subversive Stitch: Embroidery and the Making of the Feminine**. London, The Women's Press Ltd., 1984.

PEIXOTO, Fernanda Arêas. Os riscos da agulha. **Revista Trilhos**, Santo Amaro, Bahia, 1, 1, p. 75–91, 2020. Disponível em: <<https://revistatrilhos.com/home/index.php/trilhos/article/view/19>> . Acesso em: 14 jun. 2024.

PENTNEY, Anne Beth. Feminism, Activism, and Knitting: Are the Fibre Arts a Viable Mode for Feminist Political Action? **Thirdspace: a journal of feminist theory & culture**, 8, 1, 2008. Disponível em: <<http://journals.sfu.ca/thirdspace/index.php/journal/article/view/pentney/210>>. Acesso em 07 de jul. 2024.

ROSENTRETER VILLARROEL, Karen. Artivismos textiles en América Latina: Mil agujas por la Dignidad, bordados políticos accionados entre la digitalidad y la calle. **Utopía y Praxis Latinoamericana**, 29, 104, 2024. Disponível em: <<https://produccioncientificaluz.org/index.php/utopia/article/view/e10501675>>. Acesso em 05 jun 2024.

SÁNCHEZ-ALDANA, Eliana; PÉREZ-BUSTOS, Tania, & CHOCONTÁ-PIRAQUIVE, Alexandra. ¿Qué son los activismos textiles?: una mirada desde los estudios feministas a catorce casos bogotanos. **Athenea Digital**, 19, 3, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.5565/rev/athenea.2407>>. Acesso em 20 de jun. 2024.